



GT – 15: Práticas culturais na produção da cidade

O QUE É SER “CRIA DE FAVELA”?

Escrevivências geográficas a partir do RAP e do FUNK

Autor(01): Bruna Machado da Rocha

Filiação institucional: FFP/UERJ

E-mail: iamddbruna@gmail.com

RESUMO: Este artigo teoriza sobre a operacionalidade social do termo "cria de favela" entrelaçada à vivência desta pesquisadora e ao direito à cidade que é continuamente negado, reafirmando hierarquias sociais constituídas no capitalismo (Grosfoguel, 2010) que se concretizam no espaço em "áreas duras" e "áreas moles" (SANSONE, 1996; SANTOS, 2012). Para tal tarefa, debruço-me sobre o campo das Geografias Negras (GUIMARÃES, 2020) com a subjetividade que a escrevivência de Conceição Evaristo nos possibilita e que me conecta com a escrita das músicas, aqui identificadas como parte constituinte do sujeito "cria de favela" que se afirma das/nas favelas, nas cidades, no Rap e no Funk.

Palavras-chave: geoidentidade; multiterritorialidade; sentipensamento.

1. ORIGENS

A verdade é que rir com quem sabe de tudo
Sem precisar dizer nada
Por que também é seu contexto
É bem mais fácil que escrever esse texto
(Thiago Borges, 2022)

Nada é mais saudoso para uma geógrafa recém formada do que falar sobre o seu lugar. Pensar nas suas origens, nos espaços em que viveu, fez amigos, memórias afetivas. É ainda mais gostoso poder se apropriar dos conceitos, teorias, pensadores e pensadoras da Geografia para entender o nosso bairro, nossa cidade. Aos poucos vamos conectando e visualizando aquilo que lemos, estudamos, ouvimos de nossos professores e professoras à paisagem, aos fluxos da

cidade, às desigualdades escancaradas. Ter vivido quase toda minha vida em favelas e periferias, reconhecendo-as como territórios da minha multiterritorialidade, que transformei e fui transformada por esses lugares, fez com que eu me assumisse como favelada.

A identidade assumida hoje por muitos favelados e faveladas de “cria de favela”, está diretamente ancorada à favela onde aquele/a sujeito/a viveu. Ouvimos "sou cria da CDD", "sou cria do Alemão", "sou cria de Manguinhos" - favelas na cidade do Rio de Janeiro. Mas no meu caso particular, mulher negra carioca de família quase que itinerante, que passou parte da adolescência na favela da Manilha, no Caju, outra parte no Morro do Carrapato em São João de Meriti, mas que sempre teve a casa da avó paterna na favela do Arará no Rio como um lugar de viver, e que quando começa a andar com suas próprias pernas migra para o Morro do Palácio em Niterói para conseguir concluir a graduação e retorna para áreas mais conhecidas, como a Barreira do Vasco - para resumir bem -, sou cria de onde? A realidade é que esse mini resumo dos meus lugares na vida e a necessidade de uma resposta a essa pergunta, assemelham-se com o de vários e várias outros/as moradores/as de periferias - incluindo as favelas.

Conceição Evaristo explica que

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p, 30).

Fernanda Felisberto (2020) explica a escrevivência como rota de escrita acadêmica, entendendo que este operador teórico – a escrevivência – tem ganhado múltiplos sentidos dentro da academia, colocando Conceição Evaristo em diálogo com diferentes intelectuais que têm a experiência do racismo como eixo central de suas produções, imbricado a diferentes opressões interseccionais e de dominação, para refletir a prática em torno da escrita de mulheres negras, e mulheres oriundas de camadas populares, bem como o impacto desse fazer em suas produções/vidas (FELISBERTO, 2020). Já existem produções por e para mulheres negras dentro da academia, com fundamentos teóricos alinhados às nossas realidades territoriais, de enfrentamento ao racismo, opressões de gênero e do sistema econômico vigente há alguns séculos, reordenado novas latitudes epistemológicas (FELISBERTO, 2020).

Para muitos e muitas, ser *cria*, ou melhor, *cria de favela* é algo que ninguém pode tirar. “*Nada nessa vida, Vai mudar minha essência de cria*” é o que MC Cabelinho, Bielzin, TZ da

Coronel e MC Poze do Rodo cantam na música “Essência de cria” (2021). Porém, por ter vivido aqui, ali, acolá, por estar periodicamente em mudança de lar, a ideia de ser "cria de favela" - identidade afirmada em caráter positivo por moradores e moradoras - não me pareceu cabível num primeiro momento, por não ter raízes um só local. Junto à análise de algumas músicas que tem o marcador territorial gritante, como é o caso do Funk e do Rap, busquei respostas para essa pergunta: Sou cria de onde? Afinal, o que é ser cria de favela?

O objetivo deste trabalho é entender como as favelas, espaços concretos de múltiplas territorialidades, são vistos, referenciados e projetados funcional e simbolicamente - como Haesbaert (2014) nos ajuda a compreender. Também será preciso discutir a produção social das favelas e seus entornos a partir de sentipensamentos como Porto-Gonçalves (2020) utiliza em referência ao sociólogo colombiano Orlando Fals Borda. Será utilizada a teorização articulada de Renato Emerson (2012) sobre hierarquias sociais, “áreas duras” e “áreas moles” no que se refere à favela e à minha espacialidade como mulher negra, com intuito de entender a organização espacializada das relações raciais e suas grafias no espaço. Toda essa reflexão será pautada pelas letras de funk e RAP de artistas periféricos das duas grandes metrópoles nacionais, Rio de Janeiro e São Paulo. As canções a serem exploradas vão nos dar suporte para compreender a geoidentidade de “cria de favela” afirmada pelos e pelas artistas investigadas e por uma juventude periférica que se assume ancorada no pertencimento do seu lugar, mas expansora de sua multiterritorialidade.

A favela a ser representada e discutida nesse texto é por quem vive nela. Então é um olhar *desde dentro* como Guimarães (2015) irá chamar. Seria lugar de fala e a fala de lugar(es). Ou, como prefiro, a fala de uma geógrafa favelada mal criada. Permita-me brincar com as palavras, criando mais de um sentido a elas quando falo sobre mim, a autora deste texto. Mal criada por não ter raízes profundas em uma única favela, pela ousadia, pela transgressão... Quem fala aqui com você é uma mulher negra que foge ao rigor dos estereótipos, assim como todas as outras. Pois somos muitas coisas. Da favela sim, mas da universidade também, da escola, como aluna e professora. Trata-se de um trabalho envolvido intelectual e sentimentalmente com as Geografias Negras (GUIMARÃES, 2020), por isso é subjetivo, é atravessador da minha vida, com conhecimentos ressignificados.

2. VISÃO

Para quem vem das periferias, muito se ouve dizer sobre o seu espaço, aquilo que falta, aquilo que não se tem, a violência armada. A televisão nos lembra todos os dias a grande “merda” que é ser favelado(a), suburbano(a), trabalhador(a) com suas reportagens sobre operação policial, a falta e a precariedade dos transportes públicos, o saneamento básico incompleto. Santos (2012) aponta que a dimensão racial um prelúdio regulador no espaço urbano das relações na sociedade, sendo imprescindível no desenho estrutural da destinação de riquezas e poder, carregado de grafagens das relações raciais. “As relações raciais grafam o espaço, se constituem no espaço e com o espaço” (SANTOS, 2012, s/p). O racismo fez e faz com que a pobreza seja ideologicamente incorporada como uma condição “biológica” de negros e indígenas (ALMEIDA, 2019; OLIVEIRA, 2020). Entendemos isso quando consideramos o racismo estrutural e estruturante das relações sociais que Silvio Almeida (2019) explica bem. Santos (2012) resume que

O racismo aparece, então, como sistema multidimensional de classificação social, que (no caso brasileiro) tem em traços corpóreos (cor da pele, cabelo, entre outros traços fenotípicos) o principal traço diacrítico classificatório, mas que pode associar outras variáveis para compor um sistema de dominação, controle e exploração social. Isso resulta da complexidade dos sistemas classificatórios, e da forma como eles são operados dentro de regras sociais (SANTOS, 2012, s.p.)

Como Simão (2016) aponta, é indispensável pensar os jovens dos espaços populares como diversos e reconhecer que desigualdades atravessam a vida de muitos destes que vivem na grande metrópole fluminense. Pode faltar o que for na favela, mas é ela também que faz a/o sujeito. Isso representa uma reapropriação dos sinônimos que a palavra “favela” foi adjetivada pelos canais de TV e também pela academia e pela escola. Cá entre nós: quem aqui nunca ensinou ou aprendeu nas aulas de Geografia que a favela é um problema urbano? Quem nunca se limitou a enxergar apenas as dificuldades vividas pelos moradores de favela? Isso é um fato. Mas há tempos se reformula essa narrativa.

O discurso do Estado brasileiro e de muitas das grandes empresas televisivas representam uma construção ativa de enxergar a favela como uma anomalia urbana, assentamentos subnormais (IBGE), como um problema a ser resolvido - ou especulado, ou gentrificado, ou removido - como o espaço dos não cidadãos, - “a começar pelos negros que

não são cidadãos, digo-o por ciência própria” (SANTOS, p.134, 1996-97) - dos traficantes, dos vagabundos, dos sem educação. Esse discurso hegemônico sobre as favelas é frágil e questionável, pois mestre Santos (1994) aponta a cidade como o lugar em que o mundo se move mais, assim como aquelas e aqueles que nela e com ela vivem. A co-presença ensina aos homens a diferença, ou deveria. Deste modo, a cidade é o lugar da educação e da reeducação, pois quanto maior uma cidade, o movimento nela se torna mais numeroso e intensificado, com maior co-presença e, portanto, lições e o aprendizado (SANTOS, 1994). A "naturalidade" do objeto técnico nas cidades

crava no organismo urbano, áreas "luminosas", constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas "opacas". Estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços da exatidão, são espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizadores, são espaços da lentidão e não da vertigem. Para os **migrantes** e para os **pobres** de um modo geral, o espaço "inorgânico" é um aliado da ação, a começar pela **ação de pensar**, enquanto a classe média e os ricos são envolvidos pelas próprias teias que, para seu conforto, ajudaram a tecer: as teias de uma racionalidade invasora de todos os arcanos da vida, essas regulamentações, esses caminhos marcados que empobreceram e eliminam a orientação ao futuro. Por isso, **os "espaços luminosos" da metrópole, espaços da racionalidade, é que são, de fato, os espaços opacos.** Estas são lições que o tempo das metrópoles, submetido a uma nova leitura, nos inspira. (SANTOS, p. 41-42, 1994, grifo nosso).

Santos (1994) nos explica que essas zonas urbanas opacas, onde vivem os pobres, ou seja, essas zonas também são as favelas, são os espaços de aproximação, espaços lentos, pois não acompanham essa exaltação dos feitos técnicos, mesmo que em busca e disputa por eles. As áreas opacas seguindo a lógica de Milton, são espaços da ação do pensar, ou seja, as favelas também são espaço da ação do pensar. Essa passagem de Santos é importante pois desloca das áreas reconhecidamente "luminosas" o papel protagonista de produção do saber, a sua legitimidade da produção de saberes, conhecimentos, do pensar, pois “a racionalidade supõe contra-racionalidades” (p. 53, 1994). Moradores e moradoras de favelas entendem isso, são responsáveis por diversos saberes e conhecimentos sobre a cidade, ao ponto de hoje, com os tentáculos do capitalismo neoliberal, serem apropriados, vendidos e até certo ponto dando espaço de representação do povo e do lugar desse povo. Desde que isso gere lucro, é claro. Porém, foi preciso recriar e ter autonomia para propor uma visão positiva dos favelados e faveladas sobre o seu(s) lugar(es). Neusa Souza (1983) no livro *Tornar-se negro*, afirma que um dos modos de desempenhar autonomia é dispor de um discurso sobre si mesmo. “Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da

realidade" (SOUZA, 1983, p.17). Podemos propor que há então um movimento de tornar-se “cria”, partindo da concretude das favelas e da capacidade de seus moradores em discursar sobre sua respectiva favela e sobre si mesma(o).

Destaco também o fato de o mestre Santos citar os migrantes – apesar do autor não se aprofundar, penso a partir de suas escritas sobre aqueles e aquelas cidadãos e cidadãs que assim como eu, estão de tempos em tempos a encontrar um novo lar em suas metrópoles. Haesbaert (2004) relembra que a elite globalizada escolhe entre os territórios que melhor lhe satisfaça, vivenciando efetivamente a multiterritorialidade, enquanto na base da pirâmide social, há aquelas e aqueles que não têm sequer a opção do "primeiro" território, o território como abrigo, fundamento mínimo de sua reprodução física cotidiana. Ou seja, a nossa multiterritorialidade, como grupo subalternos nas hierarquias sociais da ordem capitalista, é marcada por traços de desterritorialização, perda de controle e/ou referenciais territoriais (HAESBAERT, 2014).

Em 1850¹ as/os negras/negros desse país perderam o direito mais burguesamente defendido - o da propriedade privada -, perderam o direito à terra no país que construíram, antes mesmo de serem devolvidos à sua humanidade², se é que fomos devolvidos. Com desigualdade racial no direito à terra no Brasil, ser migrante, viver de aluguel torna-se um sintoma da realidade de grande parte da população pobre, negra e periférica.

Silvio Almeida (2019) refletindo sobre a obra de Achille Mbembe “Necropolítica” (2018), faz um balanço importante das amarras coloniais.

A “ocupação colonial” em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do **controle físico e geográfico** – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais. Essa inscrição (territorialização) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas e enclaves; a subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; extração de recursos; e, finalmente, a produção de uma ampla reserva de **imaginários culturais**. Esses imaginários deram sentido à instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas, para fins diferentes no interior de um mesmo espaço; em resumo, o exercício da soberania. O **espaço** era, portanto, a matéria-prima da soberania e da violência que sustentava. Soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado em uma terceira zona, entre o status de sujeito e objeto (ALMEIDA, 2019, s/p, grifo nosso).

¹ Refiro-me a Lei de Terras assinada por Dom Pedro II em 1850, que decretou por meio da qual o país oficialmente optou por ter a zona rural dividida em latifúndios, e não em pequenas propriedades, como afirma o site oficial do Senado brasileiro. Isso fez com que o direito à terra ficasse na mão de poucos e a massa da população brasileira após a abolição da escravidão em 1888, passou a depender da própria sorte e resistência.

² Refiro-me à Lei Aurea de 1888 em que declara extinta a escravidão no Brasil, momento em que pela primeira vez essas terras considerou a humanidade de mais de 4 milhões de africanas e africanos escravizados entre os séculos XVI e meados do XIX, como afirma o portal do IBGE (2000).

Até hoje somos colocados em posições de objetos que sofrem com o controle geográfico hegemônico, e me pergunto o quanto da reprodução desse controle de corpos em determinados espaços é fruto desta ampla reserva de imaginários culturais que foi apontada acima.

A história da minha família e sua relação com o direito à terra não é tão bem contada e sabida. Mas lembro durante as aulas sobre êxodo rural na escola que, aquilo que era conteúdo para prova, também era a geohistória da vó Rizo, sergipana, e do vô Bigode, paraibano. Ambos vieram novos e se casaram aqui no Rio de Janeiro. O discurso geográfico escolar sobre as migrações do Nordeste para o Sudeste brasileiro, a busca por melhores condições de vida, a expansão industrial concentrada nas grandes metrópoles, as reformas urbanas e a formação de favelas, mal sabia, mas contava a geohistória de parte do que sou. Sou o fruto do êxodo rural, mulher que tem parte da ancestralidade nordestina, que cresceu nos anos 2000 sagaz pelos espaços luminosos. Se fez necessário, portanto, compreender a multiplicidade de nossas territorializações.

Nós é linha de frente nem dá pra se esconder
Salve favelado primeiro você
Tasha & Tracie (2019)

3. CRIA DE ONDE X AONDE SOU CRIA

Aonde eu sou cria ninguém gosta da polícia
Aonde eu sou cria ninguém gosta de racista
Aonde eu sou cria a bala come todo dia
Aonde eu sou cria de nada vale sua vida
Borges & NGC Daddy (2021)

Pega a visão como o Complexo tá lindo
Como o Complexo tá lindo
Tá na paz de Deus
Que permaneça essa tranquilidade na comunidade, uh
Peço a lili' dos amigo que estão privado, lili'
Saudade bate no meu peito dos cria que não estão mais aqui, aqui
Poze do Rodo, Bielzin, PL Quest e MC Cabelinho (2021)

Essas duas expressões “cria de onde” e “aonde sou cria” possuem sutilezas linguísticas que modificam os sentidos práticos, em circunstâncias diferentes. Essa reflexão advém de questões pessoais, mas para conseguir pensar na melhor, recorro à reflexão que o professor Renato Emerson (2012) nos coloca entre “áreas duras” e “áreas moles”. As “áreas duras” são

aquelas em que a dimensão racial importa, e onde normalmente isso pende de maneira negativa para os negros, enquanto que as “áreas moles” são espaços no qual ser negro não dificulta e pode às vezes até dar prestígio, podendo ser reconhecidos como “espaços negros” (2012, s.p.). Apesar de grande parte da população de favelas não ter autonomia e garantias financeiras para decidir o melhor lugar para se viver e das problemáticas já amplamente reconhecidas da realidade das favelas - mesmo com toda construção estereotipada do que é aquele espaço e do que são aqueles moradores - a favela é o lar, é o espaço vivido, vinculado à prática social, espaço mental (percebido, concebido, representado) e social (construído, produzido, projetado), como Lefebvre (2008) nos ajuda a compreender.

Deste modo, aponto que as favelas são em relação ao seu entorno, em relação à “pista”, majoritariamente “áreas moles” para as faveladas e favelados que nelas vivem. Digo majoritariamente pois há um conjunto de relações de dominação e exploração, hierarquias sociais que pluralizam as experiências ordenando o primado de suas relações (GROSFOGUEL, 2010; SANTOS, 2012). A geo-grafia da favela é dada pela corporeidade dos frequentadores junto aos traços culturais valorizados, que remetem diretamente à negritude, que é o recorte racial dessa investigação. “São as experiências sociais (de espaço) que organizam essa geo-grafia das relações raciais” (SANTOS, 2012). Grosfoguel (2010) descreveu essas hierarquias sociais da seguinte maneira:

(i) uma hierarquia de classe; (ii) uma divisão internacional do trabalho entre centro e periferia; (iii) um sistema interestatal de organizações político-militares; (iv) uma hierarquia étnico-racial global que privilegia os europeus frente aos não europeus; (v) uma hierarquia sexual que coloca os homens acima das mulheres e o patriarcado europeu sobre outras formas de relação homem-mulher; (vi) uma hierarquia sexual que desqualifica homossexuais frente a heterossexuais; (vii) uma hierarquia espiritual que coloca cristãos acima de não cristãos; (viii) uma hierarquia epistêmica que coloca a cosmologia e o conhecimento ocidentais sobre os não ocidentais; e (ix) uma hierarquia linguística que privilegia as línguas europeias – e, também, a comunicação e a produção de conhecimento e teorias a partir delas, enquanto as outras produzem folclore ou cultura (SANTOS, 2012, s/p.).

Partiremos então da afirmativa de que não existe hierarquia entre hierarquias, cabendo buscar entender as combinações e superposições de hierarquias definindo múltiplos eixos de subalternização e discriminação de indivíduos e grupos, como Santos (2012) orienta. Com isso, as favelas não são “áreas moles” a todo momento para todas e todos aquelas/es que com/ (n)ela vivem. As “áreas moles” e “áreas duras” de que Sansone (1996) aborda, estruturam “fronteiras

invisíveis” no espaço social das relações raciais (*apud* SANTOS, 2012). Trarei alguns exemplos: Quando estou retornando para a favela da Barreira do Vasco após um longo dia na UERJ/FFP, os sentipensamentos ao andar pela “pista” e, posteriormente, romper com a fronteira invisível e me localizar na favela, são quase que antagônicos. Na “pista”, um espaço público de circulação, é sinônimo de insegurança aos meus sentipensamentos, principalmente à noite, remetendo-me a possíveis assaltos, opressões, violências de gênero. Enquanto que ao dar meus primeiros passos já dentro da Barreira do Vasco, sou tomada por um outro sentipensamento, o da segurança. Estou totalmente livre dessas possibilidades cruéis dentro da favela? Como mulher negra, afirmo que não. Mas como digo, trata-se de sentipensamentos, capaz de primeiramente sentir para então pensar sobre a realidade local, o que não diminui o acontecer dos fatos. Outro exemplo seria a liberdade em se comunicar dentro das favelas com o uso de gírias, gerúndios e expressões corporais livres por serem “áreas moles”, sem que a dimensão racial das relações esteja em evidência. Já em “áreas duras”, onde a dimensão racial opera desfavorecendo o corpo negro, a liberdade e a riqueza linguística e comunicativa será limitada, até mesmo pela/o própria/o favelada/o, como são os contextos de interação nas entrevistas de emprego e na sala de aula, por exemplo.

Dizer de onde se é cria, de onde você vem, só é tarefa fácil para quem vem de um único lugar. E existe isso na cidade? Existe ser cria de uma única favela ou de um único bairro na metrópole? O que me parece aqui é que ser “cria” não é necessariamente ser criado/a, como diriam MC Cabelinho e MC Bielzinho (2018). Você pode ser “cria” do mesmo lugar em que você foi criado/a, mas ser “cria” não está somente ligado ao local de enraizamento ou moradia. Ser cria é uma identidade que se afirma conectada à uma referência espacial, mas uma identidade precisa de vários artefatos para ser criada e identificada como tal. A música tem sido um dos caminhos mais utilizados por faveladas(os) de exaltação desta identidade, recusando convicções idiotas e demonstrando o tamanho das contradições que suporta (RET, 2012). As/Os funkeiras/os e as/os rappers contam suas histórias, suas geografias em seus versos. Muitas e muitos dessas/es funkeiras/os e rappers carregam em seus “vulgos”/nomes artísticos a marca espacial, como é o caso da Mc Carol de Niterói, Linn da Quebrada, TZ da Coronel, Poze do Rodo, para citar alguns e algumas.

Superação, marginalidade, enfrentamento, originalidade, sensualidade, liberdade sexual, corporalidade, religiosidade, comunitarismo, ascensão, memória, são alguns dos

sentipensamentos e valores que identifico nas músicas de “cria” do Rio de Janeiro - podendo ampliar até outras quebradas do país - representando não só o que se vive nas favelas, mas como e quem. Logo, para ser “cria” e não apenas “criado”, é preciso estar alinhado à determinados comportamentos, valores e sentipensamentos, que não se aplicam exclusivamente à área X, Y ou Z, mas que correspondem a um espaço vivido semelhante, a um contexto de interação semelhante. As práticas espaciais afirmam a configuração de um espaço particular, ou seja, uma espacialidade diferencial, havendo multiescalaridade da vida social e das representações espaciais (LACOSTE, 2010).

Mas qual espaço? A favela, entendendo-a como espaço de representação de uma identidade - “cria de favela” - a partir das mais diversas representações do espaço favela, incluindo as positivas e as negativas. Percebemos então que o espaço da favela se torna estratégico. Se a burguesia utiliza o espaço como instrumento para a manutenção das hierarquias sociais que as centraliza e da mais-valia que acumula, as faveladas e os favelados utilizam estrategicamente o/no/com/pelo espaço sua representação, sua voz para o mundo, sua estética, suas linguagens, seus rostos. As músicas das e dos artistas do Funk e do Rap aqui citados são hoje parte da representatividade das favelas, uma representatividade construída em caráter valorizador, de quem vem *desde dentro*, abordando narrativa sobre o espaço favela que rompe com a hegemônica.

4. CONTRADIÇÕES

Além do que está sendo proposto aqui, cabe ressaltar algumas contradições presentes na criação dessa identidade de cria com as músicas de RAP e Funk. Podemos relacionar a estética da ostentação exacerbada com carros de luxo, cordões de ouro, camisas de marca e notas de 100 reais no ar à necessidade de afirmar uma ascensão social, de confrontar e zombar da condenação racista de vida dada pelo sistema capitalista. Tasha & Tracie (2021) resumiram que “esses cara é emocionado, dos desejo é refém e escravo”. Porém, é preciso tachar que, a prática de se autorepresentar deste modo, não deixa de ser ancorada em referência aos modos de vida de brancos milionários. “Vitória é ser playboy e pegar mina”, diria Filipe Ret (2018). Ainda sob respaldo de Neusa Santos Souza, ela aborda

A história de ascensão social do negro brasileiro é, concomitantemente, a história da

construção da sua **emocionalidade**, esta maneira própria, historicamente determinada, de organizar e lidar dinamicamente com o mosaico de **afetos**. [...] Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, o **negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social** (1983, p.19, grifo nosso).

A reflexão que a autora propõe, nos faz compreender mais sobre certos comportamentos de um favelado em ascensão social, apesar de muito criticado por grande parte da sociedade. Um artista negro, do funk, do rap, ostentando um carro esportivo em seus cliques é associado ao roubo, ao dinheiro provido do tráfico de drogas. Esse pensamento racista se embasa numa ignorância histórica e espacial das favelas e dos seus moradores, da qual considera esses espaços e seus indivíduos permanentemente inseguros, ilegais, pobres e marginais. Porém, Milton Santos (2004) nos salienta bem que

Favelas e cortiços constituem, nos países subdesenvolvidos, uma realidade mutável [...] com efeito a favela não reúne todos os pobres de uma cidade, e nem todos que nela vivem podem ser definidos segundo os mesmos critérios de pobreza. Uma favela pode compreender tanto biscateiros, que vivem de rendas ocasionais, como assalariados dos serviços e das indústrias e mesmo pequenos empresários. (p. 75)

Não estou aqui negando a existência da relação criminalidade e músicas de funk e rap. Essa relação é expressa nas letras das músicas. Nos registros legais e policiais também. As/Os funkeiras/os e as/os rappers contam suas histórias, suas geografias em seus versos.

Sobre a cultura funk - uma das expressões da diáspora africana nas favelas cariocas, assim como o RAP -, Lopes e Facina (2012) explicam a capacidade deste movimento:

Primeiro, o funk evidencia como a juventude negra e favelada reinventa-se criativamente com os escassos recursos disponíveis, subvertendo, muitas vezes, as representações que insistem em situá-la como baixa e perigosa. Além disso, a crítica ao funk escancara a maneira pela qual a sociedade brasileira renova seu racismo e preconceito de classe camuflados pela retórica ocidental do “bom gosto estético” (p.195, 2012)

A partir do FUNK e do RAP - ambos movimentos culturais, artísticos e políticos das/dos jovens periféricas/os - ser *cria* também é carregar valores, sentimentos e aspirações. Apesar do forte racismo estrutural brasileiro, é a partir da cultura rap que muitos jovens começam a se emancipar, inclusive economicamente (SILVA, 2022, p.76). O RAP “converte tragédias em potências e usa a arte como ferramenta política” (EMICIDA, 2020).

É importante problematizar ainda a objetificação e hiper sexualização dos corpos femininos que essas canções em íntegra pregam e seus videoclipes, porém para isso precisaria de mais uma construção textual além dessa, pois a intenção central deste trabalho é

compreender essa identidade de *cria* que se busca afirmar entre as faveladas e favelados artistas que vêm dessas favelas, e a minha identidade como *cria*. Entretanto, o fato de existir essas outras nuances opressoras na construção do *ser cria*, nos seus valores, intenções e representações, podemos afirmar a complexidade que essa identidade implica, inclusive para a minha construção pessoal como mulher e negra. Entretanto, cabe dar espaço para que as mulheres da cena do Rap e do Funk falem por si.

5. AS MAIS BRABA³

*Quem sempre teve tudo nunca vai entender
O que é cantar uma vida até você viver*
(Tasha & Tracie, 2020)

Não adianta, de qualquer forma, eu esculacho
(Tati Quebra Barraco, 2014)

Apesar da massividade de produção e de alcance de homens - majoritariamente cis e heterossexuais - na cena do funk, do rap, do samba, do pagode, as mulheres - todas elas - vêm cada vez mais ascendendo socialmente, tornando-se referências em suas áreas e ocupando o espaço da representatividade para as novas gerações, para citar algumas: Anitta, Drik Barbosa, Flora Matos, Gloria Groove, Iza, Karol Conká, Linn da Quebrada, Ludmilla, MC Carol, MC Marcelly, MC Sabrina, MC Naninha, N.IN.A, Tasha & Tracie, Tássia Reis, Tati Quebra Barraco, Valesca Popozuda - sim, minhas favoritas.

Tais mulheres veem nas músicas funk, rap, pop - ou melhor, música popular brasileira - compondo letras que exclamam de um corpo, de um lugar de origem junto a um empoderamento feminino muito grande. “*Ou nós escrevia um rap ou nós virava mulher bomba*” é o que Tasha & Tracie - naturais do Jardim Peri, na periferia da cidade de São Paulo - cantam em Cachorraz Kamikaze. Na mesma música elas dizem

³ Referencia a música de mesmo nome de Tasha & Tracie. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=o1t-wcay4TQ>

Vitimismo não cabe em legítima defesa
Ontem nós era presa, agora adivinha
Quem é que vai ser a janta em cima da mesa
Posso te dar o spoiler, não vai ter a pele preta
Entenda simbolismo, isso é um massacre sem sujeira
Vou te deixar na merda com a sua própria consciência
Ou com essa merda que cê chama de consciência
No gueto o proceder e o fundamento nunca falha
Respeita minha buceta ou faço uma na sua cara
(Tasha & Tracie, 2019)

De uma forma única, as irmãs Tasha & Tracie denunciavam em seus versos a violência contra o povo negro no Brasil e a colonialidade, emancipando-as e destacando o “gueto”, um território com práticas específicas que para Santos (1978), “a utilização do território pelo povo cria o espaço”. A Geografia e o RAP tornam-se interessantes unidas, possibilitando uma correlação entre os problemas raciais, sociais e de classe, assim como questões socioculturais e político-econômicas brasileiras, a herança africana e diaspórica (GUIMARÃES, 2007).

N.I.N.A - rapper da Cidade Alta no Rio de Janeiro - é outra que expõe com domínio das palavras, verdades nuas e cruas do que é ser uma mulher, negra, gorda, favelada na metrópole carioca. As letras de Anna Ferreira - seu nome civil - também contavam um pouco da minha história, um pouco das minhas vontades e visões de mundo.

E se eu fosse magrela?
Iam me colocar de Rainha da Favela?
Photoshoot de biquíni nas vielas
Pique Gabriela, cravo e canela
Grandona pra caralho eu mereço respeito
Problema maior mas cês sabem que eu peito
Com força maior que o bico do meu
Não vem me moldar cês sabem que eu não aceito
De onde eu tô
Só mirar
Braba pra caralho cês não podem me tocar
Eu venci isso tudo
Eu mudei o meu mundo
Eu tô quebrando a sua expectativa de me ver falhar
E se eu fosse conformada?
Disposta a ter uma carteira assinada
Ganhando um terço de branco de merda
Aceitando ser formalmente escravizada
E se eu só concordasse?
Aceitasse tudo como uma verdade?
Abraçasse papo de 7 & covarde?
Reduzindo meu tempo de vida pela metade
E se isso não der certo
O meu tempo é curto e não é questão de ego
Tu sustentaria as merda que eu carrego?

Corro mais que Ashanti pra fazer dar certo
No fim tudo é uma merda
Meu sonho é grande mas meu saldo me cega
No fim das contas
As contas que me pegam e eu penso em ficar o tempo todo ganhando com as duas perna aberta
(N.I.N.A, 2022)

A letra desta música da N.I.N.A faz lembrar como os jovens de origem popular são sistematicamente objetos de uma estetização perversa e discriminatória. Associam-se suas práticas sociais e culturais ao vulgar, ao violento e ao imoral (SIMÃO, 2016). A artista apresenta em seus versos o que é ser o que ela é, onde ela é/está, espaços que ocupa, reconhecendo suas conquistas, mas também refletindo sobre o seu futuro. Parece-me que uma das grandes questões para nós, mulheres faveladas, é garantir o futuro, é o pensar sempre a planejar, arquitetar, para existir, ser, sobreviver. A violência contra a mulher, não só física, é explícita na canção pois é explícita em sua vida, nas nossas. A verdade é que parte de nós também é raiva, indignação. Vista ainda como animalidade, descontrola.

Estamos presenciando o momento de amplitude de pluralidade em gêneros musicais pré-dominados por homens cis. E como somos muitas, confusas, determinadas, complexas, territoriais, diferentes, estamos por todo Brasil. Uma letra que me chama muita atenção como geógrafa é a “Mulher” (2017) de Linn da Quebrada - nascida na periferia da capital paulista, numa área pobre da Zona Leste e criada no interior de São Paulo - em que ela diz:

Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios
Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
Está sempre em desconstrução
(Linn da Quebrada, 2017)

Brincando com as palavras e se chamando por referenciais espaciais nitidamente urbanos, Linn conta diminutamente sua vivência como mulher travesti. O que é a garagem no cotidiano? O lugar onde se estaciona o carro e onde colocamos tudo que não queremos dentro do lar. O que é uma ocupação? Para os conservadores, invasão de propriedade privada. O que é o esgoto? Lugar de animais asquerosos e do que os que vivem na cidade produzem de melhor, o lixo, os restos. O que é a sarjeta? O que é favela? Aqueles lugares onde não se quer estar, ou que não se quer ser, pois significam a zona do não ser (FANON, 2008). Traz ainda o movimento, a desconstrução contínua que é ser travesti e ser mulher na sociedade brasileira.

Marielle Franco (PRESENTE!) - cria da favela da Maré - em *A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada* (2017) escreve sobre a potência de criatividade, inventividade e superações das mulheres da favela e da periferia de suas condições, nas formas de vida e nas organizações sociais em seus territórios, atingindo, em seus demasiados fazeres, centralidade na cidade. (FRANCO, 2017). A intelectual e militante Marielle também indica que

As mulheres negras, moradoras das periferias e favelas, são ativas nos cenários políticos, culturais e artísticos da cidade. Ainda que a luta/ativismo/militância por elas protagonizada seja inicialmente relacionada às questões locais e intimamente “linkada” às condições objetivas e subjetivas das suas vidas no território, conquistam dimensões fundamentais para avançar as condições locais, alcançando impacto em toda a cidade. Nesse sentido, há várias mulheres faveladas que se destacam e ultrapassam, em ações e representações, o ambiente que predomina em suas vidas. Tal fenômeno, por sua vez, não é determinado por questões estritamente individuais, por serem iluminadas ou especiais, mas por uma questão de trajetórias, encontros, percepções de si, do outro, oportunidades, articulação e inserção nas questões sociais (FRANCO, 2017, p. 92).

Nota-se que as crias de favela, artistas, estão cantando o que Conceição Evaristo (2017) chama de escrevivência, sendo versos profundamente comprometidos com a vida, com a vivência, sempre uma escrita marcada pelas suas condições, pela vivência de mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2017, s./p.). As subjetividades líricas chegam aos ouvidos de outras mulheres como elas, que estão no mesmo “corre”, para além de ter capacidade de consumir no sistema capitalista, mas de conseguir ser ouvida neste mundo que nos colocou no modo silencioso. E quando se é ouvida, se encontra com quem compartilhar dores, amores, vícios e obsessões (BK’, 2016).

6. NA RÉGUA

As problemáticas levantadas nesse texto advém da escuta de músicas, especialmente do RAP e do funk, algumas citadas acima, que marcadamente cantam dos seus territórios/lugares, para aqueles de onde são cria e para quem os/as ouça. Muitas das letras dessa faceta da cultura negra brasileira são um alívio ao pensamento. São como amigos de longa data que conseguiram denunciar e sobreviver dignamente pela arte, acomodando num sentido de coletividade aqueles sentimentos e valores que me representam, que também compartilho o sentir amar, doer, faltar,

sobrar. Como diria bell hooks, porém num contexto escolar, não é simplesmente partilhar informação, mas sim participar do crescimento espiritual (hooks, 2013), junto aos nossos.

Por isso esse trabalho é para quem está a me ouvir, também como para comunidade geográfica, para os amantes e seres constituídos emocional, social, cultural, intelectual e racialmente pela música, pela cultura e movimento negro, em específico o funk e o rap. Este texto é uma maneira de ferir com silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia e esperança (EVARISTO, 2020).

O racismo na sociedade em que vivemos “estruturou um padrão de normalidade que naturaliza relações racialmente desiguais instituídas na produção social do espaço” (OLIVEIRA, p. 314, 2020). “Da localização e distribuição das pessoas, bens e serviços ao sistema de valores que regem uma determinada organização espacial, a raça tem sido utilizada como dispositivo de poder” (OLIVEIRA, p. 315, 2020). Apesar dessa realidade, não há hegemonia sem contra hegemonia, guerra sem resistência, centro sem periferia, territórios sem territorialidades. As favelas, locais de tantos fatos violentos e ainda palco do genocídio negro, foram lidas aqui por um outro vies, o das geoidentidades, da música, dos sentipensamentos que buscam descondenar os corpos que ali vivem das desigualdades escancaradas da metrópoles brasileiras a partir de uma construção de identidade que se faz, fala, mostra, representa a mesma favela pela potencialidades. Deste modo, criou-se a identidade “cria de favela”, da qual o “de favela” pode ser substituído por “do Vidigal”, “da Chatuba” ou qual seja a posição relativa de quem fala, sem que o sentido da identidade mude. Pois o “de favela” marca um ponto de partida, se é de nascença ou criação não se sabe, mas é de onde se fala, de onde se coloca ao mundo, uma de suas territorialidades conectadas a um território. Já a/o “cria” carrega valores, desejos, sentipensamentos, o que indica construção coletiva sobre essa geoidentidade. Em tempos de pautas identitárias vindas de diferentes grupos sociais, assumir-se como “cria de favela” não é só uma maneira de falar, não é apenas uma gíria, nem somente um verso de funk ou rap, é principalmente se reconhecer como sujeitos, donos do discurso sobre si e sobre o seu lugar. Ser cria de favela, é ter o seu lugar pela marra, pelo conhecimento sobre esse lugar, sobre ser esse lugar, ser o próprio movimento.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, Jorge Luiz. SILVA, Jailson de Souza e. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 1, fev. 2013, p. 115-126.

BORGES, Thiago. Meu contexto. Revista Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 126-131, janeiro-abril de 2022.

Borges, NGC Daddy, Mainstreet. Aonde eu sou cria. In: Intocável. 2021. Disponível em: https://youtu.be/WpkLdnPvl_8

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: Escrivivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (org). Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

Fanon, Frantz. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In: Escrivivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020

FERREIRA GUIMARÃES, Geny. Geo-grafias Negras & Geografias Negras. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 292-311, abr. 2020. ISSN 2177-2770.

Filipe Ret. Réus. In: VIVAZ. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/VCZ80bl9hAg>

FRANCO, Mariele. 2017. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. In: Bueno, W. et al. (Orgs.). Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil. Zouk, Porto Alegre.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. Morpheus: revista de estudos interdisciplinares. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social? .Rio de Janeiro: UNIRIO, v. 9 , n.15, p. 11 – 28, 2016.

GROSFOGUEL Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.

LACOSTE, Yves (2010). *A Geografia – Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra..* São Paulo: Papirus, 2010.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LOPES, Adriana Carvalho. FACINA, Adriana. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas. In: *Revista do Arquivo Geral do Rio de Janeiro*. n.6, 2012, p.193-206.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MC CABELINHO e MC BIELZINHO DO CPX. “Nós é cria não é criado”. In: *Minha Raiz (Album)*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t25I3vP2Ei0>

MC Cabelinho, Bielzin, TZ DA CORONEL e MC Pode do Rodo. *Essência de cria*. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyDElqwFnYI>

MC Poze do Rodo, MC Cabelinho, Bielzin, PL Quest, Neo Beats, Mainstreet. *A Cara do Crime (Nós Incomoda)*. 2021. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=2PRAiVs3MVC>

MUNANGA, Kabengele. *Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo*. In: *Cadernos PENESB – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF - n.12*. Rio de Janeiro/Niterói – Ed. Alternativa/EdUFF, 2013.

OLIVEIRA, D. A. de. *QUESTÕES ACERCA DO GENOCÍDIO NEGRO NO BRASIL*. *Revista da ABPN • v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras”*. Abril de 2020, p. 312-335.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De caos sistêmico e de crise civilizatória: tensões territoriais em curso. *territorium* 27 (II), 2020, pp. 5-20.

RODRIGUES, Isadora Almeida. MENEZES, Roniere. *Cultura negra e sobrevivência: samba, rap, funk e o racismo sintomático*. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 137-154, 2018, ISSN: 2317-2096 DOI: 10.17851/2317-2096.28.4.137-154.

ROSA, Bárbara Cristina Nascimento da. CRIA DE FAVELA X MEIA HORA DE MORRO: conceitos fundamentais para a análise da disputa territorial no Vidigal e o do direito à memória local. Revista Argumentos, Departamento de Política e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Montes Claros, v.14, n.1, p.187-200, jan/jun-2017. eISSN: 2527-2551.

SANSONE, Lívio. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. Afro-Ásia, n. 18, Salvador, 1996, pp. 165-188.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. In: O Preconceito. Julio Lerner editor. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

SANTOS, Milton. O Espaço Divido – os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo – globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, R. E. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: SANTOS, R. E. (Org.) Questões urbanas e racismo. Petrópolis: DP et Alli; Brasília: ABPN, 2012.

SIMÃO, M. P. (2016). JOVENS E FAVELAS: EM BUSCA DE VISIBILIDADE POLÍTICA. *Ensaio De Geografia*, 4(8), 7-27. Recuperado de https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/36288

Tasha & Tracie. Cachorraz Kamikaze. In: ROUFF. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/Tx4eCvAxszM>

Tasha & Tracie. Diretoria. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/nZfVmuVzJ3I>

Tasha & Tracie. Flo Jo. In: ROUFF. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/fZLjyS6YZXs>

Tasha & Tracie. SALVE. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/dxf8H1Npmgs>

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, Coleção Tendências; v. 4.